

RICHARD FORD

FRANCAMENTE,
FRANK

Um livro de Frank Bascombe

Tradução de Artur Lopes Cardoso

Índice

Estou aqui.....	9
Tudo podia ser pior.....	55
A nova norma.....	93
Mortes de outros.....	139
<i>Agradecimentos</i>	187

Fragrâncias estranhas flutuam, esta manhã, no ar agitado e invernos de The Shore, duas semanas antes do Natal. Coroas floridas, numa ominosa agitação marítima, avivam a expectativa nos imprudentes.

Trata-se, é claro, do aroma das reparações e restaurações de casas, em grande escala. Madeira acabada de cortar, PVC branco, o cheiro a lixívia dos produtos *Sakrete*, vedantes que causam ardor, doce papel alcatroado e álcool desnaturado. O travo feculento das telas Tyvek misturado com a trama sulfurosa do oceano e o mau cheiro do interior de Barnegat Bay. É o ar da catástrofe total. Para o meu nariz – experiente nestas coisas –, nada tem um aroma tão intenso a ruína como as primeiras tentativas de salvamento.

Reparo nele pela primeira vez ao sinal vermelho da Hooper Ave., e depois de novo quando vou abastecer o meu *Sonata* na Hess, antes de me dirigir para a ponte, de Toms River para Sea-Clift. Aqui, no meio dos ricos aromas da bomba de gasolina, uma brisa invernos faz-me esvoaçar o cabelo enquanto os meus dólares se desbobinam como numa *slot machine* sob as nuvens de dezembro que estão a acumular-se. A brisa pôs a rodar os piões prateados no recém-inaugurado Bed Bath & Beyond, no Ocean County Mall («Só a roupa de cama nova pode manter-nos deitados»). Do outro lado do enorme parque de estacionamento, a um décimo da sua capacidade às dez da manhã, o Home Depot – parecido com o Kremlin, mas enigmáticamente ainda o vosso amigo, apesar de tudo – abriu as portas de par em par, cedo. Os clientes saem lentamente, tentando equilibrar caixas

com loiças novas de quarto de banho, placas-mãe novas, cablagens novas, conjuntos de dobradiças termoembalados, portas de alma alveolada, um alpendre fronteiro completo a baloiçar num carrinho de compras gigantesco. Está tudo a caminho de uma qualquer casa que ainda se mantém de pé mas sofreu danos causados pelo furacão – já passaram seis semanas, mas não se varreu da memória. Continuam todos aturdidos – irascíveis, assustados, explorados mas decididos. Estão todos empenhados em «regressar».

Alguém canalizou para aqui, para debaixo do toldo da Hess, os comentários desportivos radiofónicos para deleite nosso, dos clientes: o *Pat 'n' Mike Show*, da Magic 107, em Trenton. Outrora, fui um dos seus fiéis, mas agora estão velhos. Uma voz de estentor – é Mike – declara: «Caramba, Patrick. O treinador Benziwicki libertou um verdadeiro chorrilho de asneiras que caíram que nem bombas, digo-te eu. Uns verdadeiros trinta segundos sobre Tóquio.»

«Vamos ouvir de novo», afirma Pat, através de um altifalante instalado nas profundezas da bomba de gasolina. «Descrença total. *To-tal*. Isto passou na ESPN!»

Outra voz rouca e cansada, gravada – a do Treinador B –, interrompe-o: «Muito bem. Deixem-me dizer uma coisinha a estes BARDAMERDAS que se autodenominam jornalistas desportivos. Pode ser? Quando *vocês* forem capazes de treinar uma equipa de raparigas de nove anos que frequentam a escola primária, então eu talvez possa, *possa* mostrar um grãozinho de respeito por vocês. Até lá, podem ir os dois à MERDA, desde hoje até ao jantar de domingo, e que se FODAM. E ouviram isto aqui em primeira mão.»

O jovem empregado da Hess, de olhar vago e vestido de branco, que está a abastecer o meu carro não ouve nada. Olha-me como se não estivesse ali.

«Acho que está praticamente tudo dito», reconhece Mike.

«E *ainda* é pouco», concorda Pat. «Pouse as chaves na secretária, treinador. Está feito. Meta-se na MERDA do *autocarro* e volte para Chillicothe.»

«In-a-cre-di-tá-vel.»

«Vamos fazer um intervalo, ó BARDAMERDAS.»

«Eu? Tu é que és um BARDAMERDAS. Ah-ah-ah. Ah-ah-ah.»

Nestas últimas semanas, comecei a compilar um inventário pessoal de palavras que, segundo o meu ponto de vista, já não deveriam poder ser utilizadas – tanto faladas como de *qualquer outra* forma. Isto na crença de que a vida é uma questão de subtração gradual, tendo em vista uma essência mais sólida, mais quase-perfeita, após a qual toda a atividade mental desaparece e partimos para os nossos Chiclotos virtuais. Uma reserva de menos e melhores palavras poderia ajudar, penso, ao estabelecer um exemplo para um pensamento mais claro. Não é muito diferente de ir viver para Praga e não aprender a língua, de modo que o inglês que acaba por falar para ser compreendido tem a responsabilidade acrescida de ser claro, simples e gerador de valor. Seja como for, quando envelhecemos, como é o meu caso, vivemos em grande medida no meio do que acumulámos na vida e não é que aconteça muita coisa, excetuando na frente médica. É melhor despojarmo-nos das coisas. E que lugar poderá haver, para começar, que seja melhor do que as *palavras* que escolhemos para expressar os nossos pensamentos, cada vez mais raros, cada vez mais extravagantes? Seria problemático, por exemplo, para alguém cuja língua natal é o checo compreender plenamente as expressões *que seca* ou *fogo!* Ou, já que se fala nisso, *brutal* quando apenas quer dizer «fantástico». Ou *temporão* ou *pupilo* ou *legado*. Ou *na boa* quando na verdade se quer dizer «Não tem de quê». E, já agora, *aterragem suave*, *manos*, *obrigação*, *hidratar* (quando apenas significa «beber»), *fazer música*, *ação*, *estender*, *coçar* quando é usado como substantivo, e... a propósito da Magic Um-Zero-Sete: chorrilho de asneiras. Para mim, merda e bardamerda são ainda muito úteis, com colorações nítidas e diferentes aplicadas à sua história, já de si rica. A língua imita o motim popular, disse o poeta. E a que se *assemelha* a vida de hoje, se não a um motim?

Ontem, pouco depois das oito, uma chamada telefónica inesperada estragou-me a manhã. A minha mulher, Sally, atendeu mas fez-me sair da cama para falar. Mantivera-me deitado, envolto pelos primeiros raios de sol e as sombras, a divagar sobre a possibilidade

de, algures, de alguma forma, estar a acontecer uma coisa boa que em breve me afetaria e deixaria feliz, só que eu ainda não o sabia. Desde que deixei o ramo imobiliário (ao fim de décadas), este tipo de expectativa é aquilo de que mais falta sinto, mas é a única coisa, considerando o rumo do mercado imobiliário e tudo o que me aconteceu. Estou satisfeito aqui em Haddam, aos sessenta e oito anos, a gozar o Nível Seguinte da vida – presumivelmente o último: membro da demografia da «mesa limpa», livre para fazer o bem neste mundo, caso decidisse fazê-lo. Nesse espírito, desloco-me uma vez por mês ao Aeroporto Internacional de Newark, com um grupo de veteranos, para acolher os soldados fatigados e confusos que regressam a casa, vindos do Afeganistão e do Iraque. Na verdade, não considero isso um «compromisso» ou uma verdadeira «restituição», uma vez que dificilmente poderá considerar-se um incómodo estar ali de pé, sorrindo, de mão estendida, dizendo em voz alta: «Bem-vindo a casa, soldado (ou marinheiro, ou aviador)! Obrigado pela sua comissão de serviço!» É mais dar nas vistas do que um gesto de seriedade e destina-se, principalmente, a mostrar que ainda *somos* relevantes e, por conseguinte, prova garantidamente que não *somos*. De qualquer modo, os meus sensores pessoais estão alerta para outras coisas positivas a que poderei dedicar o tempo que me resta – conhecido também como *reforma*.

– Frank? Fala o Arnie Urquhart. – Uma voz áspera, de homem, demasiado alta, crepitava no telefone através de ruídos distantes de tráfego automóvel sobre vigas. Algures em segundo plano havia música – Peter, Paul & Mary a cantar *Lemon Tree*, vindos do longínquo 65. «*Le-mun tree, ve-ry pritty / and the lemun flower is sweet...*» Ali de pé, de pijama, a olhar pela janela da frente enquanto o encarregado da leitura do contador da Elizabethtown Water subia o caminho de acesso a casa para verificar o nosso consumo, a minha mente recuou no tempo até ao rosto da ultrassensual *Mary* – com a sua boca cruel, o cabelo louro e forte a chicotear, a promessa que a sua voz de contralto fazia de coito profissional pelo qual renunciaríamos a toda a dignidade, embora soubéssemos plenamente que não seríamos bem-sucedidos. A uma distância abissal de como terminou a vida, anos mais tarde, com uns balandraus largos e que lhe chegavam até

aos pés e irreconhecível. (Qual dos outros dois é que andou a mostrar a pila? Um deles mudou-se para o Maine.) «... *but the fruit of the poor lemun is im-poss-i-bul to eat...*»

– Baixa o som a qualquer coisa, Arnie – disse eu, através da barulheira que se ouvia no lugar, fosse ele qual fosse, onde Arnie se encontrava, neste mundo. – Não consigo ouvir-te.

– Ah, sim. Está bem. – Um som de uivo produzido pelo vento enquanto o vidro fechava automaticamente. A pobre Mary ficou tão silenciosa como a pedra sob a qual está enterrada.

A ligação ficou mais nítida e depois desapareceu durante um longo momento. Já não falo assim tanto com as pessoas ao telefone.

– Porque é que todos os meteorologistas querem um dia de sol, porra? – perguntou Arnie, agora com o telefone já afastado. Tinha-me posto em *alta-voz* e parecia estar a falar-me do passado.

– Está inscrito no ADN deles – retorqui, da janela da frente.

– Sim, sim. – Arnie deu um grande suspiro ruidoso. Podia ouvir-se o silvo dos carros que o ultrapassavam, lá onde se encontrava.

– Onde *estás*, Arnie?

– Encostei na maldita Garden State, perto de Cheesequake. Vou em direção a Sea-Clift, ou ao que restou dela, porra.

– Estou a ver – retruquei. – Como *está* a tua casa?

– *Estás* a ver, Frank? Bem, fico contente por veres, porra.

Nos dias de prosperidade da agora rebentada bolha imobiliária, vendi a Arnie não só *uma* casa, como a *minha* casa. Em Sea-Clift. Uma casa de praia alta, de vidro e madeira, desenhada por um arquiteto, mesmo em frente ao que parecia ser um mar ameno e resplandecente. O sonho de qualquer pessoa, como segunda residência. Fiz de maneira que Arnie arrotasse com umas massas jeitosas (dois-ponto-oito, sem «comissão» numa venda pessoal). Sally e eu tínhamos decidido mudar-nos para o interior. Eu estava determinado a deixar os negócios. Foi há oito anos, feitos neste outono – duas semanas antes do Natal, como agora.

Em minha defesa posso dizer que telefonara várias vezes para a residência principal de Arnie, em Hopatcong, para saber como é que a sua/minha casa de praia aguentara o temporal. Telefonara a diversos clientes antigos, incluindo o meu antigo sócio na

imobiliária. Todas as notícias que me deram foram más, más, más. Em Haddam, Sally e eu perdemos apenas dois carvalhos novos (um já estava morto), metade do telhado da cabana onde ela põe as plantas nos vasos e o meu carro ficou com o para-brisas partido. «Um grande nada», como a minha mãe costumava dizer, antes de fazer um som *pppfff*, que parecia um traque, com os lábios e dar uma sonora gargalhada.

– Liguei-te pelo menos três vezes, Arnie – disse, tendo aquela sensação coagulante e vertiginosa de estar a mentir... embora não estivesse, pelo menos em relação a isto.

O tipo da Elizabethtown acenou-me com o polegar para cima, enquanto se dirigia para a furgoneta. O nosso gasto de água em novembro – não havia problemas.

– Isso é o mesmo que telefonares a um cadáver para dizer que lamentas muito a sua morte. – Pelo altifalante, a voz de Arnie subia e descia, vinda de Cheesequake. – Que ias sugerir, Frank? Levar-me a almoçar? Comprar-me a tua casa? Porra, já não resta nenhuma casa lá em baixo, meu estúpido.

Não tinha uma resposta. Os gestos normais de amabilidade, comiseração, simpatia, dor partilhada e empatia são, todos eles, débeis aliados na luta contra a verdadeira perda. Só quisera saber que não acontecera o pior – o que, via, não era verdade. Todavia, em Sea-Cliff desembarcara o grande sopro, como em Dunquerque, sem a menor hipótese de fugir a uma bala.

– Não estou a culpar-te, Frank. Não é para isso que estou aqui a falar pelo tubo. – Tal como eu, Arnie Urquhart é um antigo desportista dos Michigan Wolverines. Os finalistas de 68. Hóquei. Finalista das Rhodes Scholarships. Lambda Chi. Condecorado com a Navy Cross. Todos nós falávamos assim, nesse tempo alegre e agitado. O tubo. A cagadeira. A máquina Z. Os copos. A peida. Os pretos. Os chinocas. As mamas... espanta-me como é que deixaram que qualquer de nós tivesse um emprego. Arnie é proprietário e gerente – ou foi – de uma loja de mariscos destinada a gente rica, no Norte de Jersey, e ganhou um balúrdio a vender ovas de sável, caviar iraniano e acepipes importados do mar Negro que a FDA ignora – tudo isso entregue em carrinhas de caixa branca, descaracterizadas – a executivos da

Schlumberger para festas de que ninguém ouve falar, nem sequer o Presidente Obama, que não seria convidado, uma vez que, segundo o refinado ponto de vista dos ricos republicanos, as tripas e o bucho de porco não fariam parte do menu.

– Que posso fazer por ti, Arnie? – Estava a ver a furgoneta da Elizabethtown a descer a Wilson Lane. O primeiro alvo alternativo quando a venda de uma casa azeda, não importa quando, é quase sempre o agente imobiliário, cujas intenções são quase sempre boas.

– Estou a ir para lá, Frank. Um italiano merdoso ligou para minha casa. Quer comprar o terreno e a casa ... isto é, o que resta dela... por quinhentos mil. Preciso de conselhos. Podes dar-me alguns? – Mais carros a silvar.

– Não estou a seguir nenhum dos meus, Arnie – respondi. – Como é a situação lá em baixo?

É claro que sabia qual era. Todos tínhamos visto o que se passara, na CNN, e depois víramos e víramos e víramos, até já não nos importarmos. Nagasáqui-junto-ao-mar – com os Giants e os Falcons tentando-nos a apenas um clique de distância, noutra canal.

– Vais divertir-te à brava a fazê-lo, Frank – disse Arnie, incorporado no seu carro. – Onde é que vives agora?

– Em Haddam. – Sally aparecera à porta, vinda da cozinha, com a roupa que usava para fazer ioga, levando uma caneca de chá aos lábios, soprando o vapor e olhando-me como se tivesse ouvido algo que a incomodasse e eu devesse talvez desligar.

Um toque forte da buzina de um camião quebrou o silêncio do local onde Arnie se encontrava.

– Anormal – gritou. – Haddam. Muito bem. Um lugar agradável. Ou foi, outrora. – Arnie bateu com algo no altifalante. – A minha casa... a tua casa... está agora sessenta metros mais para o interior, Frank. De lado... se tivesse um lado. Os vizinhos estão todos em pior situação. Os Farlow tentaram aguentar a tempestade até ao fim na sua sala segura. Estão nas últimas. Os Snediker decidiram fugir, no último momento. Acabaram na baía. A Barbie e eu estávamos no lago Sunapee, em casa do meu filho. Vimos pela televisão. Vi a minha casa na televisão antes de a ter visto pessoalmente.

– Acho que isso é uma boa notícia.

Arnie não respondeu.

– Que queres que faça, Arnie?

– Estou a caminho para me encontrar com os cabrões. Empresas de *compra e venda*. Ouviste falar nisso? Especuladores. – Arnie começou a falar num resmoneio de *gangster* de Jersey.

– Ouvi falar neles. – Tudo o que sabia lera no *Times*.

– Então, estás a ver o negócio todo. Preciso dos teus conselhos, Frank. Tu costumavas ser honesto.

– Há já uns tempos que estou fora do negócio imobiliário, Arnie. O meu alvará expirou, só sei aquilo que leio nos jornais.

– Isso torna-te mais fiável, afastando o móbil do lucro. Não estou a pensar dar-te um tiro, se é que isso te preocupa.

– Ainda não tinha chegado a esse ponto, Arnie. – Embora tivesse. Já acontecera. Uma vez em Ortley Beach, outra em Sea Girt. Agentes imobiliários mortos quando estavam sentados à secretária a datilografar folhetos de oferta.

– Ora bem. Vais aparecer? Poderia dizer que me debes isso. – Passou outro camião com a buzina a uivar. – Deus do céu! Estes filhos da mãe. *Vou* acabar por morrer aqui. Então?

– Está bem, eu vou – retorqui, só para que Arnie saísse da berma da estrada e se dirigisse para o local da destruição.

– Amanhã, às onze. Na casa – disse Arnie. – Ou no sítio onde ela costumava estar. Talvez a *consigas* reconhecer. O meu carro é um *Lexus* prateado.

– Lá estarei.

– Será que vamos ter NHL este ano, Frank? – Hóquei. O grande nivelador da destruição.

– Não me tenho mantido a par, Arnie.

– Jogadores com merda na cabeça – disse Arnie. – Nunca mais conseguirão um acordo tão bom como este. Agora vão ter de se contentar com menos. Parece-te familiar? – Como sempre, Arnie estava do lado dos treinadores. – Vivam os Vencedores, Frank.

– Paladinos do Ocidente, Arnie.

– *Mañana en la mañana*. – Que parecia ser a forma como Arnie dizia obrigado.